

MITO E MÚSICA: TRISTÃO E ISOLDA DE RICHARD WAGNER. Maria Raquel da Cruz Duran, Edmundo Antonio Peggion, Antropologia - Ciências Sociais - Departamento de Antropologia, política e filosofia – Faculdade de Ciências e Letras – Campus Araraquara.

Richard Wagner nasceu em Leipzig em 22 de maio de 1813 e morreu em Veneza em 13 de fevereiro de 1883. De personalidade astuta, o compositor alemão é considerado uma das maiores polêmicas na história da música mundial, ao longo de sua inovadora obra, angariou wagnerianos e antiwagnerianos. Em uma palavra, Richard Wagner foi um marco.

Wagner é mundialmente conhecido pela autoria de óperas como: *Tannhäuser*, *Parsifal*, *O Anel dos Nibelungos* e principalmente pela ópera *Tristão e Isolda*. Maravilhado com a possibilidade de captar pela música a verdadeira experiência do belo e de seus afins, Wagner procurou formas para realizar uma arte que expressasse a essência das coisas, uma arte total. Para tanto inventou o gênero Drama Musical e o conceito de Obra de Arte Total, onde o Belo, a essência, o plurisensorial, poderia ser expresso via fusão entre a música e as outras artes - tal como teorizava a filosofia grega antiga - demonstrando nesta atitude ser herdeiro legítimo de Beethoven. Por isso fez modificações no modo de pensar e fazer a música, modificando o ambiente de encenação, e fazendo do teatro de Bayreuth, inaugurado em 1876, a realização de suas idéias.

Wagner dispôs o palco na forma de um leque (diferentemente da disposição do palco na época, que era em forma de ferradura), isto possibilitou a todos uma visão e audição perfeita da peça. Criou um fosso entre o palco e a platéia onde se encaixaria a orquestra, resultando um efeito acústico extraordinariamente bom para que a exibição da ópera mantivesse a atenção do público no que era realmente importante, e não em poluições visuais ou mensagens que não fossem para serem vistas. Tal disposição gerava um cenário de realidade para a representação teatral e musical. O número de instrumentistas na orquestra romântica era duas ou três vezes maior que o da orquestra clássica, um exemplo de ajuda que Wagner recebeu na concepção dessa nova idéia, pois a medida romântica de instrumentistas causa uma sensação de proximidade entre intérprete e ouvinte. Wagner explorou ao mesmo tempo os planos baixo (palco), médio (plano intermediário) e alto (cúpula), resgatando a dimensão verticalizada do som.

Todavia, as inovações deste gênio musical não cessam em condições físicas de execução musical e teatral. Richard Wagner foi o responsável pela difusão do uso dos leitmotifs, ou seja, a ligação do personagem à uma música para que ao longo da ópera, quando o personagem fosse citado, sua música tema enfatizasse ou fizesse com que o público reconhecesse o referido e rememorasse sua trajetória naquela história. Fiel representante do período romântico, Wagner valorizava o individual, o único, o original. Os sentimentos e as intuições são centrais para a caracterização da individualidade e para a consolidação de uma fantasia - proposta pelos românticos - revelando um movimento contrário ao real e a razão (que é supra – individual). Por outro lado, a música confronta tal perspectiva, pois *somente ela produz a certeza de que existe um prazer superior para além do mundo dos fenômenos* (DIAS, 2005: 63/4), germinando em si, a destruição do indivíduo. Mito e música seriam, para Wagner, a realização da união entre Apolo e Dioniso, bases formadoras da essência humana, ambiente ideológico da Obra de Arte Total materializado pelas novidades desenvolvidas pelo músico – poeta alemão.

Após tal contextualização da figura central do projeto, propomos neste mote, estudar as relações entre música, sociedade e mito na obra wagneriana. Além disso, pretende-se destacar a importância do mito e da música como linguagem de interpretação da cultura. Para efetuar tal proposta, destrincharemos a ópera *Tristão e Isolda* apontando pontualmente sua relação com o mito, depois conectaremos tal análise com as idéias da dialética civilizadora – que seria a eterna busca da felicidade terrena. Num segundo momento buscaremos encontrar elementos dessa racionalidade específica que une a obra de Wagner e seu tempo. Racionalidade esta que se constrói no século XVIII, baseada numa requintada sensibilidade ao prazer e à dor.

O filósofo alemão Herbert Marcuse (1898-1979), escreveu em meados da década de 1970, o livro “Eros e Civilização”. No quarto capítulo desta obra, intitulado “A dialética da civilização”, o autor fez uma reflexão sobre como a humanidade baseia sua felicidade naquilo que é inatingível, de difícil acesso e, portanto, não recorrente em nossas vidas. No desenvolvimento desta questão, Marcuse

exemplificou aquilo que chamou de dialética da civilização por meio do “Mito de Tristão”, conforme podemos constatar abaixo:

“Não é por mero acidente que a grande literatura da civilização ocidental celebra somente o ‘amor infeliz’, de que o mito de Tristão se converteu na expressão mais representativa. O romantismo mórbido do mito é, num sentido estrito, ‘realista’”.(MARCUSE, 1968: 95).

O autor acredita que este mito celebra o amor infeliz como sendo uma das múltiplas dialéticas da nossa civilização e que a repressão têm um papel central nesse âmbito. No mesmo sentido, os dramas musicais de Richard Wagner consolidam a idéia de sacrifício da felicidade terrena de forma repressiva¹, segundo a teologia e a moralidade, o que pode ser verificado nas palavras de Marcuse:

“Quando Schopenhauer define a essência do ser como vontade, expõe uma carência e agressão insaciáveis que devem ser redimidas a todo custo. Para Schopenhauer, só são redimíveis em sua negação absoluta, a própria vontade deve ficar em repouso - para um fim. Mas o ideal de Nirvana contém a afirmação: o fim é a realização, a gratificação. Nirvana é a imagem do princípio do prazer. Como tal emerge, ainda numa forma repressiva, nos dramas de Richard Wagner: repressiva porque (como em qualquer boa teologia e moralidade) a realização exige aqui o sacrifício da felicidade terrena.” (Idem, p. 113)

Como já afirmou o antropólogo Marshall Sahlins (2004: 23): *Um povo que concebe a vida exclusivamente como busca da felicidade só pode ser cronicamente infeliz*. Wagner traz em seu herói dramático a consolidação desta idéia, à medida que seu protagonista carrega o fardo de pagar por um erro que não cometeu ou apenas, pagar o preço por amar alguém inacessível, por ter um amor proibido, por desejar o sonho, a felicidade. Marshall Sahlins comenta tal redução das propriedades sociais em valores de mercado a seguir:

“A idéia geral é que o sistema mundial é a expressão racional de lógicas culturais relativas, isto é, nos termos de valor de troca. Um sistema de diferenças culturais organizadas como uma divisão de trabalho é um mercado global de fragilidades humanas, onde estas últimas podem ser lucrativamente negociadas, através de um meio pecuniário comum. Assim como Galileu pensava que os números eram a linguagem do mundo físico, a burguesia deleitou-se em acreditar que o universo cultural é redutível a um discurso de preço – a despeito de outros povos resistirem a uma e outra idéia, povoando sua existência com outras considerações”.(Idem, p.58).

O ato de ter que pagar por algo, de ter que se excluir da felicidade para redimir os pecados, para tornar-se melhor homem e etc, são representações da dominação que o capitalismo impõe à nossa ordem cultural. Na ópera em que o mito de Tristão é colocado, o homem tem como princípio sofrendor ter cometido o pecado de afrontar a Deus e a natureza, tal prática é comum em mitologias, como explicita o antropólogo:

“É verdade que, em um bom número de outras mitologias, a origem da morte - e/ou a origem da fome e da labuta – é imputada à violação de uma advertência divina por um transgressor lendário, ou por um herói ancestral”.(Idem, p.565).

O resultado de tal desobediência é a cisão entre humanidade e mundo, é a invenção de que a verdade do mundo disfarçou-se e que, portanto, vivenciamos o mito da caverna; nunca atingiremos a felicidade plena, pois esta é espiritual, esta além:

¹ A repressão é a base da dialética da civilização que se reflete na música, pois conforme explica Marcuse: *A arte é, talvez, o mais visível ‘retorno do reprimido’, não só no indivíduo, mas também no nível histórico-genérico* (MARCUSE: 1968 135).

“A punição foi o crime, como disse santo Agostinho. O homem estava fadado a consumir seu corpo na vã tentativa de satisfazê-lo, porque, ao obedecer a seus próprios desejos, havia desobedecido a Deus. Ao colocar seu amor por si mesmo acima do amor Àquele que era o único que poderia bastar, o homem tornou-se escravo de suas próprias necessidades”.(SAHLINS, 2004: 567).

A sociedade limita o prazer individual, pois quando o indivíduo se torna coletivo deve respeitar as vontades alheias em prol da boa convivência. A oposição sociedade/indivíduo contribui para a infelicidade terrena e para a visão utópica, transcendental, espiritual, de realização da felicidade.

“Disse Freud: ‘A felicidade não é um valor cultural’. A felicidade deve estar subordinada à disciplina do trabalho como ocupação integral, à disciplina da reprodução monogâmica, ao sistema estabelecido de lei e ordem. O sacrifício metódico da libido, a sua sujeição rigidamente imposta às atividades e expressões socialmente úteis, é cultura”.(MARCUSE, 1968: 27).

Todavia, sendo a felicidade algo superior, transcendental, elevado, ideal, perfeito; e o mundo imperfeição, purgatório, inferior, materialidade, apenas a morte libertaria o espírito do corpo, somente com a morte seríamos felizes plenamente. O mundo, a realidade, é vista como algo ruim onde tudo nos causa desprazer, porque nos separa do eu.

Ao tentar elaborar uma filosofia musical, Wagner subordina a arte dos tons à necessidade de redenção. Anos depois de suas concepções expostas anteriormente, o compositor de *Parsifal* atribui à música a missão de levar a essa civilização a nova religião, ou seja, o protestantismo. Ascese espiritual, redenção pelo trabalho, renovação do corpo e da alma em prol do alcance da felicidade terrena, todas estas ideologias burguesas inserem-se na obra Tristão e Isolde, que não só consolida-as, mas também, potencializa-as.

O presente projeto propõe-se a fazer uma reflexão sobre a confluência entre as ideologias que compõem a dialética civilizadora – que estão materializadas no mito de Tristão – e a música de Richard Wagner que afirma e difunde tais ideologias. Toda essa perspectiva atravessa o século XIX e, de algum modo, ainda permeia as relações sociais do mundo contemporâneo.

Referências Bibliográficas

- MARCUSE, Herbert. Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- SAHLINS, Marshall. Cultura na prática. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- FREUD, Sigmund. O mal da civilização. Rio de Janeiro: Imago editora, 1969. (trad. José Octávio de Aguiar Abreu).
- DIAS, Rosa Maria. Nietzsche e a música. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2005.